



SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. *Atrás do pensamento: a filosofia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022, 168p [ISBN: 978-65-84515-24-6].

O RECUO DE CLARICE

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva¹

A Bazar do Tempo acaba de brindar o público com um singelo e notável trabalho: *Atrás do pensamento: a filosofia de Clarice Lispector*. Assinada por Marcia Sá Cavalcante Schuback, professora titular de filosofia na Universidade de Södertörn (Suécia), o trabalho se soma a uma vasta produção em curso trilhada pela autora em vários domínios reflexivos, seja como tradutora de *Ser e Tempo* e de *A Caminho da Linguagem* de Heidegger, pela Vozes, seja como ensaísta voltada para variados temas filosóficos e literários. Entre esses últimos, figura, é claro, o presente experimento editorial, cujo sentido e alcance aportaremos, aqui.

¹ Professor de Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9321-5945>. E-mail: casilva@uol.com.br.

Para começar, de certa maneira, a investida de Schuback lembra muito a fortuna crítica literária de Benedito Nunes que, além de intérprete fora bastante próximo de Clarice. Nunes, p. ex., marca toda uma vanguarda nacional de estudos intuitivamente fenomenológicos, em particular, de matriz heideggeriana, ao retratar um modo *sui generis* de fazer e existir literário. Ele assim procede seguindo, à risca, o espírito e a letra clariciana. Ora, Márcia Cavalcanti parece reviver, em maior ou menor grau, essa mesma intuição ao dar voz, dessa vez, a Clarice visando uma perspectiva bem clara e pontual: trata-se de uma dedicatória, “rente à escrita mesma de Clarice, enquanto escrita do pensamento no ato de pensar o *estar sendo* da existência” (SCHUBACK, 2022, p. 10, grifo nosso). Ela quer pensar o que, em Clarice, dá o que pensar, ou seja, o gerúndio fundamental pelo qual o existir e o sentir assume certo tom impressionista no sentido de captar ou apreender o instante, a novidade, a presença, numa ação, numa forma de agir, agindo. Para tanto, nos voltemos, então, mais de perto, ao que nos reserva, em linhas gerais, tal propósito.

O pequeno livro de Marcia põe o leitor num experimento muito singular. Trata-se de unir o útil ao agradável, quer dizer, mostrar sobre o quanto, em Clarice, há uma particular confluência entre literatura e filosofia sem, com isso, evidentemente, se impor como algo, em absoluto, sistemático. Muito se sabe que a escritora buscou fugir de toda sorte de academicismo, seja literário ou mesmo filosófico quando se trata de interrogar, refletir, mantendo-se, pois, inteiramente avessa a rótulos ou etiquetas. Ela cria os seus personagens, a sua própria obra como um experimento vivo, inacabado, uma experiência em curso, uma maneira de ser ou um modo de sentir e existir inquieto, paradoxal, intensamente vivido.

Eis porque, sem perder de vista certa dimensão mística presente nesse labor literário, Schuback explora não só o pensamento romanesco e poético clariciano, mas ainda algo mais especial e fecundo: aquilo que perfaz o próprio pensamento, ou seja, a sua sombra, o que se desdobra como fundo, aquilo que, em sentido próprio e originário, se situa atrás do pensar. Trata-se aí de convocar o leitor a fazer um procedimental recuo, no sentido mais fenomenológico do termo como um retorno às coisas mesmas. O que Marcia traz, em primeiro plano, é a forma com a qual Clarice interroga a experiência para além de todo gênero de dualismos:

filosofia e literatura, prosa e poesia, sentimento e razão, sensibilidade e intelecto, linguagem e realidade. Como escreve, a propósito da escritora:

A obra de Clarice nos desvia dessas longas disputas culturais entre filosofia e literatura, prosa e poesia, sentimento e razão, sensibilidade e intelecto, linguagem e realidade. Isso nos leva de volta à fonte de todas essas disputas, a uma filosofia anterior que não é nem mito nem caos. Um antes do mito e do caos, que é antes mesmo de qualquer antes, pois é o que sempre já está sendo. Clarice nos devolve ao ser, ao gerúndio do ser, ao ser que já é pensado, e não objeto de um desejo de pensamento. A sua obra "revela" o ser-pensamento "por detrás do pensamento" (SCHUBACK, 2022, p. 14-15).

Clarice quer pensar justo esse "gerúndio", esse impulso ontológico se fazendo, que habita "atrás do pensamento" como um campo de presença vivo, intenso, radical. Assim, o que seduz Marcia a ponto de se mostrar cada vez mais atraída é a razão de fundo que perpassa a obra clariciana e isso, uma vez mais, alguém e além de toda literatura acadêmica ou legitimação filosófica:

[...] se damos como subtítulo desse livro 'a filosofia de Clarice Lispector' não é de modo algum para buscar a legitimação da filosofia ou para extrair uma nova ou outra filosofia de sua obra. É somente para indicar que a experiência do sentido, isso que se chama pensamento, é o fio que me orienta no labirinto de seus textos (SCHUBACK, 2022, p. 15).

Vê-se, então, que a autora convida o seu leitor a adentrar certo "labirinto", ou seja, refazer, por dentro, certa "experiência de sentido", sentido esse que brota não de uma consciência que se acredita suficientemente soberana, translúcida, mas, desde já, antecipada por algo atrás, bem atrás do pensamento. Nessa perspectiva, não há como não percorrer, no labirinto da alma clariciana, um devaneio peculiar que a razão dificilmente é capaz de abarcar: a sua inconsciência criadora. Essa inconsciência se revela no "gerúndio" da experiência vivida, sentida como libertadora:

A escrita de Clarice faz aparecer que no divã psicanalítico não se viaja apenas em torno dos "próprios" problemas, mas também e, sobretudo, dentro do estar sendo. Quem fala no livro é o estar sendo vindo ao eu, e não um eu imerso no cotidiano a dar ênfases ao instante. Esta me parece uma das experiências mais liberadoras do livro, a experiência do eu que é um és-tu (SCHUBACK, 2022, p. 37).

Pois bem: é preciso explorar um pouco mais essa dimensão anterior ao pensamento, fazer o devido recuo a fim de compreender aquele gerúndio essencial como verbo vivo:

A ressonância de um eco não é um lugar atrás ou na frente de um outro lugar; é, ao contrário de um lugar, um atrás adiantando-se enquanto um à frente se atrasa. Por isso, atrás do pensamento, ela diz, "tenho um fundo musical". Estar sendo ecoa, espalhando-se atrás do atrás, e não se distingue de um à frente. Experimentado como eco, o atrás do pensamento traz a força da vida vivendo para si, se vivendo, em tudo que vive. O que o seu eco traz é um atrás dito como se conjuga o verbo trazer. Por isso não importa se, por vezes, ela escreve "atrás do pensamento" e, por outras, "atrás do atrás do pensamento", como se tivesse esquecido essa distinção tão forte, que se configura justamente na sua repetição (SCHUBACK, 2022, p. 68).

O atrás do pensamento toma a forma de um gerúndio porque, antes de tudo, é ação, domínio presuntivo de práxis. Afinal, o que encontramos efetivamente atrás do pensamento?

Atrás do pensamento não é uma localidade situada atrás de alguma coisa e de outra localidade. Não é um submundo e nem um subconsciente. Nos manuscritos para *Água Viva*, Clarice rabisca a palavra "subconsciente" e a substitui por "atrás do pensamento" (SCHUBACK, 2022, p. 67).

Clarice é contundente, numa espécie de aproximação, digamos, psicanalítica, como evoca Ângela, personagem de *Um Sopro de Vida*: "O pré-pensamento é o pré-istante. O pré-pensamento é o passado imediato do instante. Na verdade, o pré-pensar é o que nos guia, pois está intimamente ligado à minha muda inconsciência. O pré-pensar não é racional. É quase virgem" (LISPECTOR, 1999, p. 18)². A personagem parece reencontrar aí uma espécie de inconsciente profundamente sentido, vivido; uma dimensão, digamos, pré-reflexiva em que o emprego ou uso convencional da fala falada se torna, de fato e de direito, uma operação segunda. Por isso, ela insiste em dizer: "atrás, simplesmente, se é". Como volta a confidenciar a sua personagem:

Ângela - é claro - tem um consciente que não se dá bem com o seu inconsciente. Ela é dupla? e a vida dela é dupla? Assim: de um lado

² LISPECTOR, *Um sopro de vida*: pulsações. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

a atração pelo intelectualizado, de outro, é aquela que procura a escuridão aconchegante e misteriosa e livre, sem medo do perigo (LISPECTOR, 1999, p. 123).

Esse recuo mais “atrás” só se torna possível à medida em que a personagem se põe, incessantemente, nos termos de uma interrogação ontológica: só se é verdadeiramente quando se desfizer a velha ilusão retrospectiva, isto é, renunciar à lucidez perfeita de um cogito fundador e reflexivamente sedutor. É preciso voltar aquém do intelecto como arma e ardil de sedução. É preciso, mesmo que numa boa dose de risco e de temor, encarar a escuridão aconchegante, misteriosa e livre. E isso “atrás do pensamento” que é desde onde, no fundo, retornamos sempre como nossa pátria natal.

Clarice parece, nessa recôndita forma de recuo experiencial, realizar uma capital descoberta: “O que me guia é sempre um senso de descoberta: atrás do atrás do pensamento” (LISPECTOR, 1998, p. 60)³. Ela nos convoca, a bem da verdade, a um recuo ainda mais radical: o recuo do recuo.

Em suma, o livro de Schuback abre essa pista, redireciona toda uma forma de pensar que acredita ter encontrado nos romances, nos contos claricianos, um convite renovado e libertador. Eis porque, como escreve a intérprete, “não se trata de um estudo sobre a obra de Clarice e nem uma introdução ao seu universo literário” (SCHUBACK, 2022, p. 10). Trata-se, antes, assim espera de seu leitor, que se pratique o estar sendo em meio à urgência de reinventar modos de ater-se aos seus ritmos e pulsações; de, enfim, se pôr à escuta do “atrás do pensamento”, da “criadora inconsciência do mundo”. E isso, é claro, na expectativa de que o livro “caia em mãos acolhedoras dessa urgência”.

³ LISPECTOR, *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 60.